

ANÁLISE SOBRE A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Adriano Campos Vieira¹
Ana Luiza Braga Ornelas¹
Antônio Augusto Vieira Lopes¹
Brenda Venâncio Oliveira¹
Jorge Felipe de Souza Vieira¹
Fernanda Cristina Ferrari²
professorafernandaferrari@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

PALAVRAS-CHAVE: automedicação; medicamentos; universitários; metilfenidato; inibidores de fosfodiesterase-5.

INTRODUÇÃO

A automedicação é definida como a prática de tratar problemas de saúde com medicamentos sem prescrição médica, na qual o próprio paciente decide qual o melhor medicamento para tratar seus sintomas (IURAS et al, 2016). Mesmo que muitas vezes esta prática possa ter resultados favoráveis (melhora de sintomas), outras vezes pode trazer prejuízos à saúde (mascaramento dos problemas de saúde, intoxicação, reações adversas, interações medicamentosas, desenvolvimento de resistência entre outros) (GALATO, MADALENA e PEREIRA 2012). O ingresso de pessoas na universidade ocasiona mudanças de ambiente e costumes, o que causa uma vulnerabilidade aos acadêmicos para o início do consumo de drogas (MENDES TRANCOSO e NASCIMENTO, 2015). O excesso de atividades acadêmicas interfere de uma forma negativa na saúde e na qualidade de vida dos estudantes (MOTA *et al.*, 2012). São considerados fatores que contribuem para que os estudantes comecem a se automedicar: estresse, carga horária extensiva, a obrigação de estudar constantemente, cobrança imposta pelos professores ou até mesmo os próprios alunos, além da preocupação com o rendimento acadêmico (MENDES, TRANCOSO e NASCIMENTO, 2015). Um grande exemplo de medicamento usado por estudantes é o metilfenidato, usado para Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Esse tipo de medicamento tem sido utilizado para alcançar “melhoramento” da capacidade cerebral nas performances acadêmicas. Atua como um estimulante do Sistema Nervoso Central, por ser inibidor da recaptação de dopamina e noradrenalina na fenda sináptica, aumentando seus níveis extracelulares (CRUZ *et al.*, 2011). O metilfenidato é considerado um dos psicotrópicos mais consumidos no mundo (COLI, SILVA e NAKASU, 2016). Além do metilfenidato, há também grande utilização de inibidores de fosfodiesterase-5. A impotência sexual masculina é um problema que pode acontecer também entre jovens, e para ter um desempenho satisfatório, eles recorrem a medicamentos sem passar para uma avaliação clínica. O consumo inadequado desse medicamento pode apresentar efeitos adversos simples e de maior gravidade (FREITAS, *et al.*, 2008). Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo

¹ Acadêmicos do curso de Farmácia – Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

² Graduada em Farmácia – Doutora em Ciências Farmacêuticas – Professora na Faculdade Vértice - UNIVÉRTIX – Matipó.

abordar o tema sobre a prática da automedicação entre estudantes universitários, analisando os principais motivos de utilização de medicamentos e possíveis efeitos colaterais.

METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma revisão bibliográfica, realizada através de um conjunto de artigos pesquisados em plataformas de busca como Scielo e Periódicos do Capes. Os descritores utilizados foram: automedicação, medicamentos, universitários, metilfenidato, inibidores de fosfodiesterase-5.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Evitar ir ao consultório médico por considerá-lo um local de longas esperas muitas vezes é uma das principais causas para automedicar-se, principalmente no campo universitário, devido os acadêmicos se sentirem sobrecarregados e com falta de tempo. Pesquisas mostram que 72% da população usa o medicamento por conta própria e 40% faz autodiagnostico realizando consultas rápidas na internet. Em trabalhos realizados com estudantes estes valores foram superiores a 70% (GALATO, MADALENA e PEREIRA, 2012). Segundo Tomasi *et al.*, 2007, a frequência dessa prática está relacionada com o grau de instrução e informação sobre medicamentos, bem como com a acessibilidade dos mesmos ao sistema de saúde. Estudos indicam que nem sempre o sujeito precisa do medicamento, mas em algumas situações ele é induzido ao uso. Os medicamentos mais utilizados por universitários são antidepressivos, analgésicos, contraceptivos, anabolizantes e esteróides, medicamentos para a disfunção erétil, antibióticos, anti-hipertensivos, antidiabéticos, antialérgicos, medicamentos para a congestão nasal, medicamentos para déficit de atenção e hiperatividade, entre outros. (SILVA e MURARO 2017). Conhecido como a pílula da boa nota, o metilfenidato vem ganhando um espaço entre os estudantes para ter maior desempenho na sua rotina estudantil (ROLIM *et al.*, 2017). O mecanismo de ação dessa substância assemelha-se ao de drogas ilícitas (como a cocaína), fundamentado na elevação do nível de atividade dopaminérgica. O tráfico do metilfenidato já se compara ao de drogas de dependência, como a morfina. Entre estudantes, a maior parte relata que usou em períodos dos estudos de elevado estresse (CRUZ, BARRETO e GAMA 2011). O uso abusivo deste medicamento tem como principal efeito o aumento do ritmo cardíaco, podendo levar a óbito. Este medicamento tem o propósito de precaver alguns sintomas comuns como, tristeza, desânimo, cansaço mental e físico e angústias (ROLIM *et al.*, 2017). Em um estudo realizado com 186 estudantes de uma faculdade de medicina da Bahia, em 2009, 87,5% indicaram um grande aumento do rendimento das atividades da faculdade com a utilização de algum medicamento, sendo que 35,5% destes, adquiriam o medicamento através de outros alunos que comercializavam, sem a prescrição médica, e de forma ilegal (CRUZ *et al.*, 2011). A disfunção erétil preocupa cada vez mais a população masculina (NETO e PESSANHA, 2012). Para seu tratamento, deve ser realizada uma avaliação clínica para escolher qual o tratamento mais indicado para cada paciente (FREITAS *et al.*, 2008). Doenças neurológicas, distúrbios psicológicos, consumo excessivo de medicamentos, tabaco e álcool são exemplos que podem levar o homem a desenvolver este mal. Em meio à divulgação, jovens que estão iniciando sua vida sexual, acometidos pela insegurança, recorrem a medicamentos (NETO e PESSANHA, 2012). Os medicamentos mais comercializados

no Brasil são sildenafil, vardenafil e tadalafila. Estudos reportam que jovens que não possuem disfunção erétil os obtêm em drogarias ou pela internet, sem a prescrição médica (FREITAS, et al., 2008). Um estudo com 360 alunos do sexo masculino com idade entre 18 e 30 anos, em oito instituições privadas de ensino superior da cidade de São Paulo, em 2008, apresentou que nenhum entrevistado referiu disfunção erétil ou dificuldade para ter ou manter a ereção. Entretanto 53 alunos (14,7%) afirmaram já ter utilizado medicamentos inibidores de fosfodiesterase-5, referindo que a sua obtenção foi realizada sem prescrição médica ou qualquer diagnóstico de disfunção erétil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados referentes à automedicação entre estudantes universitários são preocupantes e apontam que a prática está se tornando algo comum. Os principais motivos do uso indiscriminado do metilfenidato é a busca pelo aumento da concentração em época de provas e aumento do rendimento em aulas. A curiosidade é uma motivação para a utilização dos inibidores de fosfodiesterase-5, o que reforça a ideia da automedicação para seu uso recreacional ou abusivo. Neste contexto, percebe-se a necessidade de estratégias de educação em saúde com a comunidade acadêmica alertando sobre a automedicação e os seus possíveis riscos.

REFERÊNCIAS

COLI, A. C. M.; SILVA, M. P. S.; NAKASU, M. V. P. Uso não Prescrito de Metilfenidato entre Estudantes de uma Faculdade de Medicina do Sul de Minas Gerais. **PDIC-FMI/FAPEMIG**. Itajubá, MG, 2016.

CRUZ, T. C. S. C.; BARRETO, E. P.S.; GAMA, M. L. M. *et al.* Uso não-prescrito de metilfenidato entre estudantes de medicina da Universidade Federal da Bahia. **Faculdade de Medicina da Bahia (FMB) da Universidade Federal da Bahia (UFBA)**. Salvador, Bahia, 2011.

FREITAS, V. M., MENEZES, F. G., ANTONIALI, M. M. S. *et al.* Frequência de uso de inibidores de fosfodiesterase-5 por estudantes universitários. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, SP, 2008.

GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. B. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva** 17 (12). Rio de Janeiro, 2012.

IURAS, A., MARQUES, A. A. F., GARCIA, L.F.R. *et al.* Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). **Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial**, 2016.

MENDES S.V.; TRANCOSO L.D.T.; NASCIMENTO B.S. Estudo sobre o uso de drogas estimulantes entre estudantes de medicina. **Revista Ciência Atual**,5 (1): 02-12, 2015.

MOTA M.C.; DE SOUZA D.A.; MELLO M.T.; TUFIK, S. Estilo de vida e formação médica: impacto sobre o perfil nutricional. **Revista Brasileira de Educação Médica**. 36 (3): 358-368, 2012.

NETO, D. A. PESSANHA, W.P. **Levantamento do uso de inibidores de fosfodiesterase-5 por estudantes universitários na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ)**. Orientador: Rodrigo Maciel Lima, 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Química). Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Fluminense. Campos dos Goytacazes, RJ, 2012.

ROLIM, D.; COSTA, J.; MARTINS, L. et al. O uso abusivo e os efeitos colaterais do metilfenidato, a “droga da boa nota”. **Mostra Integrada de Iniciação Científica**. Osório, RS, 2017.

SILVA, L. V.; M., D. N. Medicalização no ensino superior: pretexto ou necessidade? **Seminário de Pesquisa do CEMAD**. Londrina, PR, 2017.

TOMASI E.; SANT’ANNA G.C.; OPPELT A.M.; PETRINI R.M.; PEREIRA I.V.; SASSI B.T.; Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, 10(1), 2007.